

MICROSCÓPIO

O DILEMA

Na por vários títulos notável carta que o governador Otávio Mangabeira dirigiu a Eduardo Gomes, faz-se a crítica do atual sistema político. A representação proporcional e a proliferação dos partidos torna difícil, senão impossível, a prática do sistema presidencial, que pressupõe um partido majoritário, capaz de dar ânimo efetivo ao chefe do governo que eleger. Há uma evidente contradição entre representação proporcional e presidencialismo. E quaes são as suas consequências, na prática. "Que tal estado de cousas não pode continuar — diz o ilustre homem público — parece que salta aos olhos".

Como resolver, porém, tal contradição? Abandonando a representação proporcional e regredindo ao sistema majoritário, como quer o sr. Gustavo Capanema? Ou, pelo contrário, trocando o sistema presidencial, por um sistema de governo coletivo e responsável não só mais democrático, mas também compatível com a multiplicidade partidária?

Os presidencialistas (que ainda os há apesar dos desastrosos resultados de regime) optarão naturalmente pelo primeiro alvitre; os verdadeiros democratas, porém, não poderão concordar com êle, por um sistema eleitoral majoritário, se não é a negação da democracia, pelo menos a desvirtua grandemente. Todas as correntes ponderáveis da opinião têm o direito de se representar e o governo democrático não pode deixar de ser a resultante do seu embate. Surrimi-las ou sufocá-las, a título de facilitar a administração pública, é simplesmente sufocar a democracia.

O dilema, portanto, que se nos propõe, só tem uma solução democrática — a reforma parlamentarista. Mas, como a maioria dos nossos políticos só tem em mira a conquista e a fruição do poder pessoal, o provável é que lhe tomem a outra ponta, se antes disso não vier alguém cortar o nó gordio com a espada...

RIO, 25-VIII-1950.

RAUL PILLA